

NÃO VEJO, NÃO OUÇO E NÃO FALO: APONTAMENTOS SOBRE A (NÃO) PRESENÇA DAS MULHERES NEGRAS NO RÁDIO

I DON'T SEE, I DON'T HEAR, AND I DON'T SPEAK: NOTES ON THE (NON-) PRESENCE OF BLACK WOMEN ON THE RADIO

NO VEO, NO OIGO Y NO HABLO: APUNTES SOBRE LA (NO) PRESENCIA DE MUJERES NEGRAS EN LA RADIO

Joselaine Caroline

■ Doutora em Comunicação (UFRGS), mestre em comunicação (ANHEMBI MORUMBI) e graduada em Letras (IPA Metodista). Pesquisadora do Obitel e membra estrangeira da Associação Moçambicana de Ciências da Comunicação e informação (ACICOM) e de práticas de afroconsumo cultural e midiático.

■ *Doctora en Comunicación (UFRGS), Máster en Comunicación (ANHEMBI MORUMBI) y Licenciada en Letras (IPA Metodista). Es investigadora de Obitel y miembro extranjero de la Asociación Mozambiqueña de Ciencias de la Comunicación y de la Información (ACICOM) y practica el consumo afrocultural y mediático.*

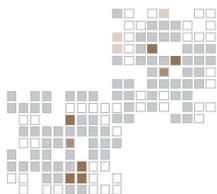
■ E-mail: jcarolinesk@gmail.com

Valesca Silva de Deus

■ Mestranda em Comunicação (UFRGS) e jornalista (UFPeI). Pesquisadora dos grupos Práticas Culturais (UFRGS) e Núcleo de Estudos de Rádio (NER). Titular da Comissão de heteroidentificação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFSul).

■ *grupos Práticas Culturais (UFRGS) y Núcleo de Estudos de Rádio (NER). Miembro de la comisión de heteroidentificación del Instituto Federal de Rio Grande do Sul (IFSul).*

■ Email: valescaluz.click@gmail.com



RESUMO

O objetivo deste texto é realizar apontamentos sobre a (não) participação de mulheres negras no rádio. Através do método de pesquisa dedutivo, e do uso da técnica de pesquisa documental e bibliográfica, a partir de diferentes procedimentos de codificação teórica (FLICK, 2009) para análise dos dados encontrados, iremos tratar a lacuna nos estudos de rádio sobre a presença, ou não de mulheres negras em diferentes instâncias da produção, consumo e/ou recepção. Os resultados mostram que as lacunas históricas associadas ao racismo reforçam a invisibilização de vínculos sociais e contratos de leitura em relação entre a mulher negra e o rádio brasileiro, sobretudo o meio comercial.

PALAVRAS-CHAVE: RÁDIO; MULHERES NEGRAS; INVISIBILIDADE; RACISMO.

ABSTRACT

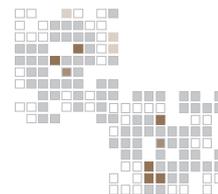
The aim of this text is to make notes on the (non) participation of black women on the radio. Through the deductive research method, and the use of documentary and bibliographical research techniques, based on different theoretical coding procedures (FLICK, 2009) to analyze the data found, we will address the gap found in radio studies on the presence, or not of black women in different instances of production, consumption and/or reception. The results show that the historical gaps associated with racism reinforce the invisibility of social bonds and reading contracts in the relationship between black women and Brazilian radio, especially the commercial medium.

KEY WORDS: RADIO; BLACK WOMEN; INVISIBILITY; RACISM.

RESUMEN

El objetivo de este texto es tomar notas sobre la (no) participación de las mujeres negras en la radio. A través del método de investigación deductivo, y el uso de técnicas de investigación documental y bibliográfica, basadas en diferentes procedimientos de codificación teórica (FLICK, 2009) para analizar los datos encontrados, abordaremos el vacío encontrado en los estudios radiofónicos sobre la presencia o no de personas negras. mujeres en diferentes instancias de producción, consumo y/o recepción. Los resultados muestran que las brechas históricas asociadas al racismo refuerzan la invisibilidad de los vínculos sociales y de los contratos de lectura en la relación entre las mujeres negras y la radio brasileña, especialmente el medio comercial.

PALABRAS CLAVE: RADIO; MUJERES NEGRAS; INVISIBILIDAD; RACISMO.



1. Introdução

A ausência de pessoas negras em diversos espaços da sociedade é um tema que tem sido debatido e problematizado por diversos campos da produção de conhecimento, e no rádio não seria diferente. Como ouvintes, somos marcados pela voz daquele (a) profissional, que por algum motivo nos faz prestar atenção no discurso proferido, contudo a ausência ou número pouco expressivo de radialistas negros, em especial mulheres negras, nos leva a refletir acerca dos desdobramentos e da invisibilidade desse grupo no rádio.

O objetivo deste texto é realizar apontamentos sobre a (não) participação de mulheres negras no rádio. Através do método de pesquisa dedutivo, e do uso da técnica de pesquisa documental e bibliográfica, a partir de diferentes procedimentos de codificação teórica (FLICK, 2009) para análise dos dados encontrados, iremos tratar a lacuna encontrada nos estudos de rádio sobre a presença ou não de mulheres negras em diferentes instâncias da produção, consumo e/ou recepção.

2. A (não) presença negra no rádio (e nas pesquisas do campo)

O meio pulsante chamado de rádio é composto por diversas engrenagens que fazem girar e se remodelar todos os dias, há mais de 100 anos no Brasil. Segundo Kischinhevsky (2016), as novas formas e hábitos de consumo, produção e distribuição têm se modificado de acordo com a expansão da internet. O rádio, enquanto uma *instituição social* que contextualiza as relações sociais, econômicas e culturais, de acordo com Gambaro (2019), também tem acompanhado essas mudanças.

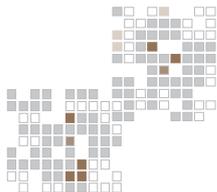
Dentre as transformações sociais, é no âmbito da identidade dos novos e velhos ouvintes que repousamos a problemática deste texto, uma vez que o rádio também precisa acompanhar as novas formas de interação e prática da escuta radiofônica.

Antes de tudo, cabe ressaltar que não iremos nos debruçar às problematizações acerca da figura das mulheres negras neste texto, tendo em vista que nosso foco neste momento se limita apenas à problematização dos processos posicionados ao entorno da presença, ou não, desse grupo no rádio. Posto isso, considerando a importância do rádio como meio de comunicação popular, buscamos analisar o estado da questão acerca da presença e participação de mulheres negras no rádio.

Através de uma pesquisa sistemática no banco de teses e dissertações da Capes, buscamos trabalhos que apresentassem os termos rádio e mulheres negras no título, e/ou resumo, e/ou palavras-chave e/ou corpo do texto, no período de 2017 a 2022. Este recorte temporal se justifica pelos procedimentos técnicos escolhidos no desenvolvimento desta pesquisa sistemática.

A pesquisa retornou apenas uma dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História. Contudo, o trabalho “*Me chamo Elizeth Cardoso. Sou uma cantora brasileira: notas sobre a trajetória da divina (1936-1965)*”, de Neide de Oliveira (2020), trata sobre a trajetória histórica da cantora referida no título da pesquisa, e pouco dialoga com o campo da Comunicação. Posto isso, apontamos que não foram encontradas pesquisas científicas que tratem diretamente sobre “*mulheres negras no rádio*”, diferentemente da categoria gênero que aparece principalmente na observação do jornalismo esportivo ou radiojornalismo. Entre as buscas, encontramos construções de análises mais expressivas sobre a crítica da invisibilidade de raça em atuações em outros meios de massa como a televisão e publicidade, apesar da baixa quantidade de produções.

Alguns artigos encontrados em revistas e eventos do campo da Comunicação fornecem pistas e tensionam a invisibilidade feminina nas ondas sonoras do rádio, entretanto nenhum deles se debruça a pensar a questão da invisibilidade



negra no meio. O artigo “Direitos e representação da mulher latino-americana no rádio: uma análise do programa Jurado n.13” (Betti, 2017), aponta a contribuição de participação feminina nas ondas sonoras.

A partir da análise da narrativa, com destaque para os pontos anteriormente descritos, é possível afirmar que o episódio toma a vanguarda na representação das mulheres nas produções radiofônicas e questiona os costumes vigentes em prol de seus direitos. De forma geral, a representação feminina caracterizada pelas personagens apresentadas expressa a busca pela autonomia e o rompimento com os papéis clássicos que relacionam os sentidos de valor moral ao comportamento recluso e obediente (Betti et al, 2017, p.11).

Na busca pela discussão do tema em artigos também encontramos o texto “A mulher no radiojornalismo gaúcho: uma análise das rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba (2018)”, de autoria Luana da Silva e Diego Weigel (2018). Ao relatarem a trajetória feminina de resistência e existência da mulher em sociedade, os autores contribuem para essa reflexão ao apontarem que, no rádio, foi entre as décadas de 1920 e 1940 que as mulheres passaram a figurar nos “programas de auditório, radionovelas e na gravação de áudios para publicidade” (Silva; Weigelt, 2018, p.1). Em paralelo, os autores também abordam o âmbito do mercado de trabalho, sobretudo o meio radiofônico, porém de forma pouco aprofundada para estabelecimento de um diálogo mais denso.

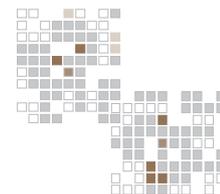
Vale o apontamento de que encontramos trabalhos sobre visibilidade de mulheres no esporte, contudo, em nenhum momento existe um recorte de raça. Mesmo os artigos que se debruçam a pensar a participação das mulheres no rádio e outros meios de comunicação, suprimem a questão da raça e as diferenças interseccionais

que acometem às mulheres negras em diferentes áreas. Sendo assim, constatamos a inexistência de pesquisas que tratem dessa temática. Portanto, até o presente momento, não foram encontradas no campo da Comunicação pesquisas de pós-graduação no Brasil que se debruçam a pensar as relações, participações e a presença de mulheres negras no rádio. É válido salientar a possibilidade de encontrarmos discussões sobre racismo no rádio, contudo este contexto, ainda que apresente diálogo com a perspectiva desta investigação e/ou não se enquadra nos critérios e agendas do tema desenvolvido aqui. Posto isso, evidenciamos que a pesquisa sistemática buscou trabalhos que articulassem de alguma forma a temática de mulheres negras em algum âmbito do rádio, seja ele social, tecnológico ou histórico, entre outros.

3. Os papéis da negritude no rádio

De acordo com Jurema Werneck (2013), na primeira metade do século XX, a presença e a participação de mulheres negras em programas musicais de rádio no Brasil foi apenas a de consumidora. João Baptista Borges Pereira (1967), ao investigar a participação de pessoas negras como profissionais de rádio na cidade de São Paulo, observou que, enquanto espectadores dos programas radiofônicos, o público negro costumava compor grande parte da plateia. Dentre as muitas observações e apontamentos, o autor descreve que as mulheres negras eram predominantes nesses espaços, contudo a participação delas como espectadoras era vista como barulhenta e espetaculosa.

Posicionadas nesse lugar, ainda segundo o autor, elas passaram a ser chamadas de como *macacas de auditório*. Segundo Werneck, essa denominação implica na aceitação das regras do racismo para definir as mulheres negras e seus modos de participação como consumidoras de produtos culturais, assim como também mostra a falta de pertencimento delas àquele espaço.



A estigmatização da espontaneidade e presença de mulheres negras em diversos espaços, ainda que seja violenta e problemática, é uma prática comum e está diretamente relacionada às lógicas de racismo e operam em uma dupla articulação de subalternidade sofrida esse grupo na sociedade, tanto pelo âmbito da raça, como do gênero. A participação dessas mulheres em posições de importância e protagonismo – mesmo no rádio e na música, meios em que antigamente os ouvintes tinham acesso apenas às vozes dos interlocutores –, é frequentemente cerceada em todos os setores da sociedade e condicionada às lógicas sociais opressoras, entretanto essa prática não se restringe apenas às mulheres, uma vez que também contempla aos homens negros.

De acordo com Pereira, o rádio, na época de sua pesquisa intitulada “*Cor, Profissão e mobilidade: o negro e o rádio em São Paulo*” (1967), para além de proporcionar entretenimento de forma gratuita, se tornou um dos poucos espaços em que era possível a participação profissional e ascensão social de pessoas negras. Segundo o autor, para muitas pessoas negras o meio radiofônico era visto como a única e grande oportunidade para melhorar de vida, e mesmo enquanto alternativa também apresentava obstáculos de diversas naturezas devido ao racismo.

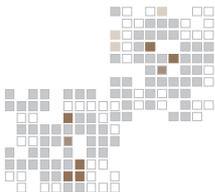
A investigação de João Baptista Borges Pereira, através de uma abordagem socioantropológica, tratada por muitos pesquisadores como a primeira investigação científica do rádio, se debruça a pensar a participação de pessoas negras no meio radiofônico no âmbito da produção. O autor, ao explorar as diferenças entre pretos e mulatos no contexto radiofônico, expõe as restrições sociais impostas às pessoas negras no rádio. E essas restrições se tornam ainda maiores quando se trata de mulheres negras.

O baixo número de pesquisas que articulam rádio às práticas de pessoas negras, sejam elas de produção, consumo e/ ou recepção evidencia

uma lacuna no campo. Contudo, isso não é novidade. O pesquisador Pedro Fernando Acosta da Rosa identificou a escassez de estudos sobre comunicadores negros (2019) ao investigar a Rádio Princesa 780, de Porto Alegre. Para o autor, o fato de a rádio apresentar um alto número de radialistas negros, ter a sua programação e identidade configuradas e alicerçadas a partir da cultura negra, permite ao autor inferir que, a maioria de seus ouvintes também são negros, e com isso a Rádio Princesa poderia ser considerada a primeira *Black Rádio* do sul do país, tema que abordaremos no próximo bloco.

Dentre os diversos apontamentos sobre os locutores da rádio, o autor ressalta a importância da Rádio Princesa 780 para comunidade negra porto-alegrense, e aponta que a rádio desenvolveu um papel fundamental para a negritude, uma vez que a partir dele, as pessoas negras passaram a se sentir representadas. Segundo Rosa (2019), a rádio direcionou seus esforços para a promoção de diversos eventos culturais da negritude, dentre eles a transmissão dos desfiles de escolas de samba do carnaval de Porto Alegre, assim como gêneros e estilos musicais reconhecidamente negros como samba, pagode e *R&B* e *black music* em geral.

Apesar dos esforços empreendidos na pesquisa, assim como o importante registro da existência da produção, consumo e recepção de uma rádio negra, no recorte desta pesquisa o que chama a atenção à configuração do quadro de locutores da Rádio Princesa 780 é a inexistência de nenhuma voz feminina negra. Isso evidencia o fato de que e tensiona até mesmo as iniciativas negras o olhar para a invisibilidade de mulheres negras na mídia. Com isso, é possível ver que, ainda que o racismo opere de forma cruel sob os corpos negros, a articulação do machismo duplica a violência sofrida por essas mulheres, diminuindo ainda mais as suas chances de atuação nesse espaço radiofônico.



No âmbito da presença de mulheres negras na cena musical, a pesquisa de Stephanie Souza (2020), ao investigar a vida das “Rainhas do Rádio”, Emilinha Borba, Marlene Bonaiuiti, Dalva de Oliveira e Ângela Maria, entre 1949 e 1954, aponta que a invisibilidade das mulheres negras no rádio nessa época foi acompanhada do silenciamento promovido pelo patriarcado. A autora identifica que na referida época, as mulheres brancas obtinham vantagens significativas em relação às negras, e ainda que elas tentassem agir de acordo com as normas e valores sociais o estigma racial, Dalva de Oliveira e Ângela Maria, as rainhas negras, estavam envoltas pelo preconceito.

Historicamente, a presença de mulheres negras no rádio só é encontrada quando elas ocupam a função de cantoras, e ainda assim, os estigmas e rótulos sociais sobre seus corpos atuam paralelamente em suas carreiras. Para compreender o tensionamento acerca da lacuna sobre os estudos que contemplem a presença mulheres negras no rádio, no próximo bloco iremos compreender as relações e vínculos e relações dos ouvintes com a identidade negra durante a prática de escuta de rádio.

4. Black rádio e a vinculação social do rádio

O vínculo social do rádio aborda pontos entre as características dos ouvintes em sociedade com os programas transmitidos através do meio. A sustentação de uma emissora de rádio vai estar baseada principalmente pela massa de ouvintes, fornecendo valor para a publicidade e influência pela abordagem de conteúdo. Uma série de estratégias são essenciais para aproximar o ouvinte ao locutor e comunicador de rádio. De maneira mais específica, a essência que o rádio transmite no imaginário do ouvinte é de um amigo cotidiano, o companheiro de trabalho, a voz que acorda com ele, o veículo que fala a verdade e atingindo, portanto, “conexão por

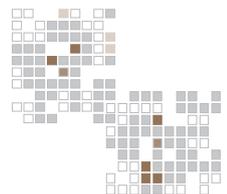
reconhecimento” (Salomão, 2003, p.26).

Experiências com o cotidiano, a abordagem da notícia local, a participação e “voz do ouvinte” estão entre as observações que colocam quem ouve rádio com “sentimentos de reconhecimento e pertencimento que se criam para o receptor a partir de experiências estéticas com uma clara sensação de participante efetivo no processo comunicativo” (Salomão, 2003, p.26). A aproximação com o locutor, a escolha da emissora, o formato de contação das informações, são entre outros, vínculos imaginários complexos e estratégicos observados através das teorias do rádio, conforme Salomão (2003). Além das contínuas transformações e adaptações que o rádio faz para continuar existindo, a “fidelidade” da audiência é uma vantagem significativa, entre o rádio e outros meios, identificada de “sociabilidade” detalhada por Salomão (2003).

Nesse sentido, estudos mais recentes sobre a sociabilidade proporcionada pelo rádio demonstram um otimismo que parece pertinente. A enorme empatia entre os profissionais de rádio e os ouvintes garantiria a sobrevivência desse meio de comunicação, exatamente pelo fato de o rádio estabelecer com o ouvinte uma “relação múltipla” (Salomão, 2003, p. 30).

A identificação do ouvinte com uma determinada emissora vai designar o que os pesquisadores identificaram por “contrato de leitura”. São vínculos imaginários, que rendem audiência, remuneração para a empresa, aspectos usados pelo locutor, características de aproximação com o ouvinte com base no discurso emitidos em determinados programas que provocam a sintonia de determinada estação.

Os contratos podem ser entendidos como um acordo efetivo-intelectivo que os media



e públicos estabelecem entre si. Os contratos revelam a opção do receptor não apenas por um modo de se mostrar o mundo, mas denotam definições a partir de identificações e representações que se estabelecem a partir do político e do ideológico, da ética e a moral, e estético e psicológico (Salomão, 2003 p.45).

Além dessas percepções, o papel da emissora também irá contribuir para inspirar na escolha dos receptores, segundo o ponto de vista da Comunicação.

Dentro da práxis comunicativa, os contratos revelam-se na credibilidade que determinado veículo alcança, as concessões que são obrigados a fazer em termos de programação em função de exigências do público, a exigência do estabelecimento de uma “identidade estética” e explicitação das maneiras de abordagem das coisas do mundo. A busca pela identificação e aproximação com o receptor é uma das maneiras pelas quais as mídias renovam permanentemente os contratos (Salomão, 2003, p.46).

Uma série de estratégias são essenciais para aproximar o ouvinte ao locutor e comunicador de rádio. Os contratos de leitura fundam, por assim dizer, o caráter de permanência da audiência de um determinado programa/emissora, “é o conjunto de elementos de caráter discursivo, hermenêutico, estético etc. que levam o público a estabelecer um acompanhamento continuado e rotineiro de um determinado produto midiático” (Bruck, 2000, p.48).

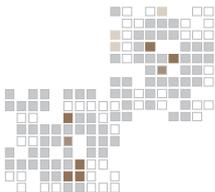
O rádio, por suas peculiaridades, formas de distribuição de informação e entretenimento acaba por estabelecer tipos específicos e diversos de contratos de leitura. No rádio, as operações enunciativas propostas pelo

enunciador e as ofertas de lugar feitas ao destinatário são de uma enorme e instigante multiplicidade – resultado da natureza desse meio de comunicação (Bruck, 2000, p. 45-46).

Os contratos são encontrados nos meios de comunicação, a partir de cada especificidade do meio e conceito de consumo (Kroth, 2010). Essas habilidades podem ser classificadas de diferentes formas e com a evolução tecnológica expande o conceito. Neste sentido, no entendimento que uma emissora tenha audiência a participação do público é caracterizada por aspectos de identificação e vínculo, como articular a relação de rádio e negritude? A invisibilidade de raça negra nos meios de Comunicação faz parecer que não existem profissionais que atuam nestas áreas de massa, como o rádio. Estes aspectos também estão associados com a discussão de gênero feminino e consumo, portanto na lógica de aproximação do público e comunicador, o silenciamento de sujeitos negros, nestes espaços de comunicação, irá potencializar a ausência de identificação, aproximação e influência negra. No rádio, a presença de mulheres nos papéis de locução apresenta um baixo índice de atuação em relação aos homens e, para as mulheres negras, a identificação se torna ainda mais complexa.

Todavia, no sentido de vinculação social e contratos de leitura do rádio em relação a negritude, os fragmentos históricos podem estar vinculados com outras áreas do conhecimento, como já citado anteriormente. A influência da cultura estadunidense na apropriação cultural negra pode ser percebida nos movimentos que irão utilizar o termo *black* para caracterizar autoria, como acontece na *Black Music*, *Black Power*, *movimento black soul*, *bem como a Black Radio* e etc. Santos (2016) explica.

A Black Music foi um termo que se popularizou e é geralmente utilizado para determinar os



gêneros e estilos musicais da música negra norte-americana. Podemos perceber que o som do Blues, do Soul, do Jazz, do Rhythm and Blues, do Funk ou HipHop já ecoaram mundo a fora. Seja em suas formas mais clássicas ou com modificações, a Black Music tem muito a nos dizer, ainda que em partes, sobre os negros da diáspora. A origem e as ligações exatas de cada um desses gêneros e estilos ainda é motivo de intermináveis pesquisas, no entanto, a Black Music marca importantes momentos na história dos Estados Unidos e, principalmente, no que diz respeito ao movimento pelos direitos civis (Santos, 2016, s/p).

Assim como os registros sobre as mulheres negras no rádio são escassos, o *Black Radio* no Brasil também apresenta lacunas. Dentre as poucas discussões sobre o tema, Santos (2016) percorre caminhos que formulam a participação de meios de comunicação como o rádio e a televisão para a transmissão do gênero musical nos anos 1960, e aponta que

A rádio e a televisão foram fundamentais na propagação da Black Music. O desenvolvimento dos meios de comunicação no final dos anos 1960, provocou não só mudanças na tecnologia, mas também na linguagem e conteúdo utilizados. Os produtores de rádio começam a investir e contratar DJs para suprir as necessidades da nova demanda dos jovens, que em sua maioria eram negros e moradores dos subúrbios (Santos, 2016, s/p).

No Brasil, Rosa (2019) vai definir indícios do conceito de *Black Rádio* também a partir de aproximações com a música.

Estudar a Black Rádio, é ficar atendo a produção feita por intelectuais negros, principalmente, nosso trabalho alinha-se

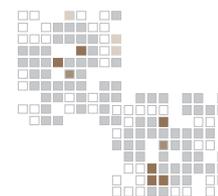
naquilo que é proposto como African Studies que é um campo de investigação iniciado nos Estados Unidos em 1890, apenas dois anos após a abolição oficial da escravidão no Brasil. Essa longa tradição reflete o quanto os acadêmicos negros afroamericanos têm mapeado e analisado a experiência negra, não apenas naquele país, mas também no mundo (Rosa, 2019, s/p).

As lacunas históricas associadas ao racismo reforçam a invisibilização de vínculos sociais e contratos de leitura em relação entre a mulher negra e o rádio brasileiro, sobretudo o meio comercial. Assim como acontece em outras esferas, o racismo afasta a participação da negritude também nos meios de Comunicação e neste caso o rádio.

Considerações

Conforme expomos ao longo do texto, ao que se refere a presença e participação de mulheres negras no rádio foi possível constatar uma lacuna de pesquisas sobre esse grupo tanto no âmbito da produção, consumo e/ou recepção. Para além disso, os desdobramentos acerca das práticas desse grupo incidem em diferentes campos do conhecimento e da sociedade.

A ausência de um olhar sobre as especificidades das práticas de mulheres negras em relação ao rádio é resultado não apenas dos obstáculos, produção de estigmas que resultam na invisibilidade delas no rádio, mas também por conta de um invisibilização dos próprios pesquisadores, majoritariamente homens brancos em direcionar seus olhares para as práticas desse grupo. Conforme apontamos anteriormente, é preciso evidenciar que parte desse silenciamento é oriundo da dupla articulação da opressão sofrida por essas mulheres, que reside tanto no campo do gênero, como de raça.



Por fim, cabe apontar que, dentre os muitos problemas que podem ser relacionados à lacuna de estudos acerca da presença e participação de mulheres negras no rádio, cabe evidenciar, que um dos pontos que precisam ser tensionados residem na necessidade de movimentar não apenas as instituições midiáticas, mas também os parâmetros e direcionamentos acadêmicos.

Tendo em vista que, assim como muitas áreas da sociedade, a academia também precisa olhar para quem está olhando, uma vez que, conforme foi possível ver, o campo científico também tem responsabilidade nesse problema, uma vez que os grandes pesquisadores do campo continuam replicando práticas de invisibilização de mulheres negras em muitos setores.

Referências

FERRARETTO, Luiz Artur. Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 12, n. 02, p. 10-29, maio/ago, 2021

FIDLER, Roger. *Mediamorfosis: comprender los nuevos medios*. Buenos Aires: Granica, 1998.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GAMBARO, D. *A instituição social do rádio: (Re)agregando as práticas discursivas da in-dústria no ecossistema midiático*. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – ECA-USP, São Paulo, 2019.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. 152p.

KROTH, Maicon Elias. *Contratos de leitura: narrativas do cotidiano como estratégia de captura da recepção no rádio*. In.: E o rádio?: novos horizontes midiáticos.

FERRARETTO, Luiz Arthur e Klöckner, Luciano (Orgs.). Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

OLIVEIRA, Neide Gonçalves de. “Me chamo Elizeth Cardoso. Sou uma cantora brasileira.” *Notas sobre a trajetória da Divina (1936-1965)*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2020.

PEREIRA, João Baptista Borges. *Cor, Profissão e Mobilidade. O negro e o rádio em São Paulo*. São Paulo, 1967. Pioneira, 1a. edição, 285 p.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. *Black Rádio no Brasil: o jornalismo carnavalesco e o legado de Carlos Aberto Barcelos, o Roxo, na fase de segmentação na Rádio Princesa AM 780 nos anos 80 em Porto Alegre a partir de uma Etnomusicologia Negra*. *Anais do Copen Sul*, ABPN: Jaguarão, 2019.

SALOMÃO, M. *Jornalismo radiofônico e vinculação social*. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Josielle Santana dos. O fenômeno dos bailes black em Ilhéus-ba nos anos 1980. In: *VIII Encontro Estadual de História ANPUH BA*, 8., 2016, Feira de Santana. Anais [...] . Bahia: Anpuh Ba, 2016. p. 1-11. Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477704313_ARQUIVO_OFENOMENODOSBAILESBLACKEMILHEU1.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

SILVA, Luana Beatriz da; WEIGELT, Diego. A mulher no radiojornalismo gaúcho: uma análise das Rádios Bandeirantes, Gaúcha e Guaíba. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, 41., 2018, Joinville. *Anais [...]. São Paulo: Intercom*, 2018. p. 1-12. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0156-1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SOUZA, Stephanie Andreas Nascimento de. *O império radiofônico e a consolidação social da mulher brasileira - rainhas do rádio como arquétipos de um dever ser feminino no período de constituição da identidade sociocultural do Brasil*. Rio de Janeiro, 2020. Monografia – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

WERNEK, J. *Macacas de Auditório? Mulheres negras, racismo e participação na música popular brasileira*. Portal Geledés, abr. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/macacas-de-auditorio/>. Acesso em: 10 out. 2022.

Artigo enviado em 16/09/2023 e aceito em 06/12/2023.

